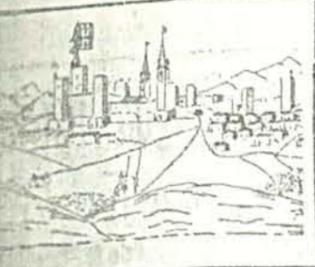


no-26500, r...
ias e Estr...
reécimo d...
stituem...
ou não p...
a colabor...
é solicitad...



Correio de Nisa

SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E CULTURA
Director — ABEL MONTEIRO



— sentem...
os actos da...
sem mácul...
erística é a...
no panoram...
e tão incor...
os Léon de...
é o único...
modernos...
sua carreir...
ão, cuja pot...
fragor do...
se ainda, con...
conhecimen...
as suas qu...
e também pe...
stâncias. Se...
Mundo Mad...
ade e a intel...
impondo...
rça brutal d...
es vindo, hu...
se mantém...
mundo não...
a uns seria...
mento e pa...
de orgulho...
tor mais não...
Deus e con...
cedida.
o escutado...
imos então...
essão tão s...
estas palavr...
carácter, p...
seu pensam...
a família m...
lo numa po...
os meus p...
ndam, trab...
o e na lav...
estimo, na...
mudar a vid...
lo que que...
a ela e pod...
er tal como...
com o me...
a mesma f...
a estudar...
s outros o...
para ganhar...
ser mais pr...
tudos; depoi...
sombra, don...
simplicidade...
zeram a revol...
o o trouxe...
agora na go...
iferença há...
rificio da su...
rque a trans...
ência; a mes...
Pátria, o en...
verdade em...
atens a ente...
que são ex...
de austerida...
e garacter, de...
e espelho de...
la sem mácul...
como em N...
Henrique, O...
maiora dos...
entos, que é...
lae norte de...
levado a P...

DO BEM E DO MAL

PELO ENG.º
PEREZ DURÃO

contacto da vida dos centros populacionais hoje já por toda a parte — a amálgama do bem e do mal — a essência do homem, a luta estúpida dos insensíveis, envolve os seres em forma de estrépito de cada alma aflicta. Rasga-se no espaço clarões enormes de crateras vivas de vida, desordenada e em movimento que era grande parte val estreitando agora que o nada infinito vem a calmar ao pensamento para viver, surgir, dançar e essência à própria vida de pânico acrobático e frenético turbiado pela dúvida.

so ou do são, do util ou do inútil. Quando surgimos para a vida devem vir em nós os germes do bem e do mal. Desde a primeira hora impõe-se a criação do ambiente próprio para destruir o mal e dar vida ao bem. São infinitas as responsabilidades de quem educa e acompanha o desabrochar do novo ser; e infinitos os recursos de que precisa dispor para estudar em todos os seus promotores e múltiplos cambiantes o carácter que entra em formação e ter-lhe sempre firme a verdade, que combate a dúvida, igual na essência, variadíssima na forma, para levar ao espírito a orientação devida.

Padre Baltazar de Carvalho

Do bondoso sacerdote e ilustre nicense, Padre Baltazar Diniz de Carvalho recebemos, com amável dedicatória um circustanciado documento sobre a «Assistência Religiosa aos Reclusos da Cadeia Civil de Caxias» e que se refere ao Caso do Abílio Soares da Silva, injustamente condenado há anos, e agora reabilitado, pela tenacidade heroica do Romeiro da Verdade e da Justiça. Em nome do jornal e do nosso director, os nossos melhores agradecimentos pela deferência.

Providências!

Chamamos a atenção do serviço público respectivo para as constantes tropelias do rapazio no Largo de Serpa Pinto, verdadeiro desaforo a que urge pôr termo, pois se torna quasi impossível o trânsito, dadas as maquia velleas correrias por vezes acompanhadas de inconveniências de linguagem, principalmente nas primeiras horas da noite, e aos sábados, quando eles resolvem, em geral, transformar a Praça num antântico Coliseu. Aqui fica a nota que nos foi solicitada. Dos resultados, falaremos no tempo. Mas é de crer que fale direito.

Tribuna Livre

O corpo e a alma

No final de umas das nossas últimas crónicas fomos levados a referir-nos ao que se chama a alma. Hoje desejariamos apenas precisar o significado deste «poético vocábulo com sabor a filosofia antiga», como dizia o sábio psiquiatra que foi E. Dupré. Os maiores dos antepassados viram bem o problema. Assim, Aristóteles, o grande racionalista, considerava a alma rebitada ao corpo «como o gume do aço se encontra ligado ao machado». A seguir, a alma atravessa o espesso e extenso nevoeiro da dita filosofia. Chêga depois Descartes dizendo que «viver sem fi-losofar é ter propriamente os olhos fechados, sem procurar abri-los». E tanto abriu os seus que viu a dobrar neste assunto. Propagando o dualismo do corpo e da alma, complicou toda a história do conhecimento do homem, como a firma A. Carrel.

Mas pouco a pouco se voltou ao conceito unicista, apoiado pela objectividade da ciência. «Por certo, acrescenta o eminente biologista, continuar-se a falar da alma como se fôsse uma entidade, assim como se fala do levantar e do pôr do Sol ainda que se saiba, depois de Galileu, que o Sol é imóvel». A alma não é senão o corpo em actividade, diz Dupré. E o professor Ch. Richet, um dos espíritos mais brilhantes de França, nas últimas décadas, precisa a indissolúvel união da alma e do corpo: «a alma desaparece desde que o sangue deixa de irrigar as células nervosas do encéfalo e esta morte da alma, tão subitua e tão extraordinária, diz-nos que é impossível não pensarmos que um fenómeno que se submete tão rigorosamente às leis da fisiologia, não pôde ser senão de ordem fisico-química». Este conceito mecanista tem sido recentemente e mais uma vez tratado, confirmando-se a existência dum complexo indivisível de reacções corpóreas, provado pela experiência, como base do funcionamento da máquina humana.

Palavras Divinas...

O homem, não podendo vencer o seu semelhante pela razão e pela justiça, procura subjugar-lo pela força. Lança-se então na guerra; guerra de morte para a qual são arrastados povos e povos; guerra que, muitas vezes, não é o ponto final das contendas políticas. Carnívora, bruta e negra a guerra, o maior monstro que a imaginação podia ter concebido; porque não é um monstro de lenda: é o de uma realidade. Guerra é ainda um grande ódio que domina e convulsiona o mundo. Cada um dá a carne do seu inimigo, o objecto do seu ódio mas dá o imolado: e assim cada ser, é atirado para as garras da morte. E por quem? Pelo homem, por aquele que sendo seu semelhante o devia amar; mas que, afinal, é o seu adversário nesta luta de morticínio. E pensar que, se cumprissemos as palavras de um Homem, mesmo que esse homem não fosse filho de Deus, não ti-

e fôsse um lunático, um visionário; se as cumprissemos — bastava que fizéssemos segundo esta sua frase: «Amai-vos uns aos outros como eu vos ame» —, apagaríamos da nossa civilização, o ferrêto indelével que tem conspurcado as outras: A Guerra. Mas hoje continua-se-lhe a oferecer tôdas as vítimas, numa espécie de holocausto em que tudo e todos são sacrificados: São corpos aos montões, mortos pela cupidêz humana; são cidades, vilas e aldeias arrasadas pela fúria destruidora do homem. E a guerra, a rainha do momento, estrondosa e violenta na sua lúgubre e terrífica faina, tudo arrasta, consome e devora: e assim sacia o seu apetite inexaurível. E não poder o homem afastar de si os ódios que o dominam e reflectir durante momentos na sua acção desvaivada, para perguntar depois, a si próprio, qual o fim glorioso e altruista a alcançar por meio de tantas destruições e mortes.

o fim. E a guerra, não é tam poderosa que possa vencer esta lei da Natureza. O seu fim, marca o início de uma nova era de calma e de felicidade para o homem: A Paz. Como na tormenta, para a nau, o pôrto é a salvação; assim como o sol mensageiro dum novo dia, dum nova esperança; assim a Paz é a salvação do mundo e a portadora de melhores dias. Ela é como uma enfermeira divina que, condoida do infortúnio do homem, vem até êle a curar-lhe as feridas e a guiá-lo para a felicidade e para o futuro. Num gesto imperioso, suspende a carnificina. Tinha chegado fim; a guerra curva-se. Dos contendores, um é vencedor; outro é vencido: ambos a serviram. Com o regresso da Paz, o homem, volta para a sua nobre missão: Pega numa enxada, o que pegava numa arma; constrói o que destruiu; salva o que matava; e o mundo sai das trevas para a luz...

Resta o problema da causa primeira acerca do qual diz ainda Ch. Richet: «Nós nunca saberemos nada a respeito das origens! Que se trate do planeta terrestre das espécies vetais ou animais, estamos, quanto à nascença de tôdas as coisas, reduzidos a fazer hipóteses.» E resta ainda o mesmo problema encarado sob o aspecto da crença religiosa. O insigne Claude Bernard escreveu: «Quanto a isso, não tenho opinião; é uma questão de fé e não de experiência... O verdadeiro porque das coisas ser-nos-á eternamente desconhecido e chêga a ser absurdo confundir tais assuntos com o domínio da fisiologia.» E o Marechal Foch, o vencedor da Guerra de 1914 que foi um crente fervoroso dizia: «São felizes, aqueles que nascem verdadeiramente crentes! Mas são raros...» Creio que estamos em boa companhia.

Transferên...

Transferido de Pe...
lo na Secretar...
telo de Vide...
de direito, S...

ANTOLOGIA

Fermoso Tejo

por RODRIGUES LÔBO

Fermoso Tejo meu, quão diferente te vejo e vi, me vês agora e viste: turvo te vejo a ti, tu a mim triste, claro te vi eu já, tu a mim contente.

A ti foi-te trocando a grossa enchente a quem teu largo campo não resiste; a mim trocou-me a vista em que consisto o meu viver contente ou descontente.

Já que somos no mal participantes, sejamo-lo bem. Oh! quem me dera que fôramos em tudo semelhantes!

Mas lá virá a fresca primavera: Tu tornarás a ser quem eras de antes, eu não sei serei quem de antes era.

A eminente romancista, D. Carolina Michaélis de Vasconcelos, publicou este soneto nas «Cem Melhores Poesias da Língua Portuguesa» como sendo de Rodrigues Lôbo, depois de o ter considerado de autor incerto.

DO BEM E DO MAL

(conclusão)

após gerar, orientar a vida, orientar o espírito do ser então nascido.

Necessário é que o homem conserve sempre bem firme, bem clara, bem na alma, essa missão divina, para tornar o filho que gerou uma alma forte, bem vincada, onde a dúvida não caiba e o mal não entre — um carácter.

A assistência moral à criança é uma cruzada tão necessária como a assistência material.

Se para a luta da vida é indispensável a saúde do corpo, que diremos da alma?

Uma alma bem formada encontra em si mesma toda a força para vencer e se impor.

É desolador o quadro de miséria moral que se nos depara, confrangendo-nos, a todas as horas a todos os momentos, por esses bairros das cidades, por vilas e aldeias, onde as crianças em bandos, abandonadas a si mesmas, sem alguém que as guie, as ampare, as defenda, as oriente, entram em contacto com a vida, sem conhecerem o bem, sem conhecerem o mal, recebendo do embate com a humanidade que, por humana, com fraquezas morais, noções da vida que vão criar no seu espírito germes mórbidos de perversão não combatidos.

Toda a obra de assistência moral às crianças é sagrada!

Toda a obra de assistência moral às crianças é dever de todos nós!

Levemo-las às escolas para lhes ensinarmos a ler, a compreender as coisas e os factos, mas não as atiremos depois, após aquelas horas de amparo, de novo para o caos. Levemo-las, sim, e principalmente para lhe formarmos o carácter são de futuros pais, de futuros educadores.

Que a Escola faça, aliada à Igreja, o que as mais das vezes

Grémio da Lavoura de Nisa

BATATA PARA SEMENTE—

Avisamos os nossos leitores, associados do Grémio da Lavoura que é conveniente efectuem desde já as suas encomendas na sede do mesmo, visto serem requisitadas aos fornecedores somente as quantidades constantes de tais encomendas, e ter sido diminuta a produção de tal batata.

A batata para semente é garantida pelos Serviços Fito-patológicos, contendo cada saco o respectivo certificado de genuidade, pureza e vigor, bem como o selo de chumbo daqueles Serviços.

O Grémio poderá fornecer batata das variedades Arran Banner, Arran Victory, (pele roxa), Valeniana e outras.

Na sede se prestam mais pormenorizadas informações.

ADUBOS—É conveniente os associados efectuem, desde já, as encomendas dos adubos de que necessitarem para a sementeira de milho e plantação de batatas, para depois se não dar o caso, em vista da aglomeração de fornecimentos e da escassez de transportes em caminho de ferro, de não ser possível a este Grémio satisfazer totalmente, e em devido tempo, todas as encomendas.

ESTE NÚMERO DO «CORREIO DE NISA» FOI VISADO PELO CENSOR DO DISTRITO.

as famílias não podem fazer ainda.

E de geração em geração se verá o fruto bendito de tal esforço numa humanidade livre de injustiças e de ódios, num mundo em que todos caibam e que para todos foi criado.

É mais fácil e melhor construir bem que emendar depois...

O lema deverá ser: — criar uma sociedade sã e não emendar uma sociedade corrupta.

Recordar é Viver

SENHORA DA GRAÇA

Sempre Nisa manteve a mais viva e fervorosa devoção pela veneranda imagem de Nossa Senhora da Graça, cuja capela, desde tempos imemoriais, tem estado na posse e administração do Município.

Todas as vezes que a estígeme ou outra calamidade apavorava a população, era certo recorrerem os nisenses, como o fizeram ainda recentemente, à intercessão da sua Padroeira, trazendo-a processionalmente à sua Ermida, a quatro quilómetros, para a nossa Igreja Matriz.

E sempre, para isso, tiveram de impetrar da Câmara a necessária autorização. E ainda mais nunca o Município se desinteressou de tão ardorosas e tradicionais manifestações de fé, dando-lhes sempre o concurso significativo da sua honrosa presença.

É o que se comprova com o relato da imponente festividade que em 1696 se realizou nesta vila, quando, em 17 de Maio, a imagem de N. S. da Graça, exposta à veneração dos fiéis na Igreja Matriz desde 13 de Abril, regressou ao seu santuário.

Sobre o assunto, vamos ceder o lugar à pena do illustre nicense, Sr. Joaquim da Cruz Miguéns, que, em correspondência para o semanário «A Plebe», põe, na descrição da solenidade, minúcias de pormenor e acentos de vibrante amor à sua terra:

«Conforme se anunciou no número anterior da «Plebe», celebraram-se em Nisa, por iniciativa dos lavradores desta vila, solenes festejos a N. S. da Graça, antiga imagem de Nisa-a-Velha.

Tendo sido trazida pelos ditos lavradores no dia 13 de Abril último, a referida imagem em procissão de penitência ad pedem pluviam, da sua capela no lugar onde outrora existiu a antiga vila, para a Igreja Matriz da actual, como viessem ultimamente as chuvas, posto que tarde, mas ainda assim a tempo de os frutos de verão se ressaltarem um tanto da grande estiagem que haviam experimentado, resolveram os mesmos lavradores promover os ditos festejos, nomeando para tal fim uma comissão composta dos lavradores, Srs. José Maria Carita Remexido, José Libânio, Francisco da Graça Rabito, Joaquim Paralta, José Carita Temudo, José da Graça Carita de Almeida e João Curado Paralta.

De tal modo se houveram que os festejos não deixaram nada a desejar.

No sábado, 16 do corrente, à noite, todos ou quasi todos os habitantes de Nisa, iluminaram as fachadas de suas casas, percorrendo a filarmónica nicense as ruas da Vila.

No domingo, de manhã, celebrou-se na Igreja Matriz uma missa a instrumental, a que assistiram a Câmara Municipal, autoridades, funcionários administrativos, judiciais e do correio, escola do sexo masculino,

irmãndades e corporações dos diferentes officios e mesteres da vila.

Subiu ao púlpito o sub-diácono, nosso amigo José da Anunciada Ribeirinho, que fez a sua estreia nesta vila.

Abrindo o préstito as seguintes corporações, todas com suas bandeiras e estandartes: a dos ferreiros, carpinteiros, sapateiros, moleiros, pedreiros, almocreves, habitantes do Monte Claro e Cacheiro, empregados e operários da Casa Bucknall, professor, seu ajudante e os alunos em número de 150, e os lavradores.

Seguiam-se com seus guiões e bandeiras as irmandades de S. Sebastião, N. S. da Graça, do Santíssimo da freguesia do Espírito Santp e da Matriz, Cleiro, fazendo guarda de honra ao pátio a guarda fiscal.

Fechavam a procissão a Câmara Municipal com seu estandarte, autoridades e funcionários públicos, filarmónica e uma quantidade enorme de povo. A comissão dos festejos dirigia a procissão, sendo digna de todo o elogio pela boa ordem com que tudo correu.»

Ao de leve

É Sumatra ou Leónidas, o «ratão» que assim se diz? Nem uma coisa nem outra: É fácil ver o petiz!

Sumatra, com ou sem lumes, pendura-se aqui... além; e gazetilha, somente pra verem que geito tem!

Leónidas ri, zombando, lá vai marcando o seu trilho, a ponto de lhe dizerem: —Tem cautela no «sarilho»!

Pequenino e direitinho, vai bufando como um lorde, convencido e confiado que o Leónidas não lhe morde

E bendiz da sua sorte, em sacrosanto prazer.

Pois que vá dar caça às gralhas que tem muito que fazer!!!

X

Língua Patr

SEMATOLOGIA

Pelo Dr. Carr

Considerar — Da cação de contemplar, consultar os passados, depois de despensar, ponderar, examinar, dar atenção boa conta (Vocabulário das minhas Reflexões morológicas, pág. 116)

Corja — É palavra na que significava genericamente uma colcha de vinte objectos; as duas corjas de de Bengala (Peregrinações de hoje é reunião de libertinos; corja drões, de velhacões (Efr. Eduardo Pereira, Gramática lórica, pág. 265).

Sobre esta palavra o estudo devera na revista Má Línguas Alegres de Poções Ano I, pág. 34, de Março de 1940, director dessa revista Artur Bivar (Freixariza as conclusões chegou o doutor Mons. Sebastião Dalgado, nas Conpara a Lexicologia ridental, Lisboa, 1940, ca do termo corja, tude desse estudo, extenso, é o, mas mesmo se fica com uma da da passagem, cada antigo para

Emolumento — emolumentum), molere — (moer b rizar), perdeu o respeitante a moinho, e é hoje do com o sentido retribuição, ex pl. — lucros event

Anunciam no «CORREIO

EDITAL

Francisco Mourato Peliquito, te, da Câmara Municipal do concelho

—Faz público, em execução rado na sessão desta Câmara Municipal em 13 de Setembro de 1945, mos do número um do artigo 14 de Posturas em vigor, que são ob possuidores dos prédios sítos nas Nisa, Alpalhão, Amieira, Arez, Mos Tolosa e confinantes com a via mandá-los cair até ao fim do pro de Maio sob pena de multa de 250 mos da alinea c) do art.º 40.º do re digo de Posturas.

E para constar se passou est de igual teor que vão ser devidam dos nos lugares mais públicos e de Nisa e Secretaria da Câmara pal, 8 de Janeiro de 1946.

O PRESIDENTE

FRANCISCO MOURATO-PR

Anúncios—1800 cada linha, segundo o Hômetro de corpo 8. Anúncios permanentes e especiais — contratos especiais. Número avulso—\$50. Números atrasados: 1\$00. A correspondência é dirigida ao Director.

Correio de Nisa

SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E CULTURA

Assinatura, um ano—continente: Colónias e gelto, com o acréscimo de portos. Não se restituem os artigos quer sejam ou não publicados. — Toda a subscrição para o jornal é...

Ano Velho... Passado! Ano Novo... Vida Nova!

O sentimento da solidariedade, é função duma única variável: O altruísmo.

Rugia o vento sobre os telhados. A chuva caía em catadupas, de forma irreverente e continua. Pelo atalho, sulcado de rios em miniatura, caminhava lentamente um velho de aspecto cansado, curvado ao péso de enorme saco. Monologava uma palavra, que a todo o momento repetia: Passado!... Passado!... Passado!...

O seu pensamento discorre e, assim, nos conta:

Nasci numa manhã radiosa do Passado, cheio de impetus juvenis e de alegria, encetando a longa e rotineira rota da minha cruzada. Sulquei caminhos e mares sem fim; cruzei o mundo de extremo a extremo!

Muita miséria vi, em quem tanto a desmerecia; muita riqueza, verifiquei, mal distribuída. Muita gente má encontrei, que tanto mal praticaram durante toda a sua Vida; e tanta boa, sofredora em vão. Vi ricos e pobres rojarem-se no mesmo pó rasteiro, onde vegetaram, e somente, na minha longa existência, uma vez notei a igualdade: Não era terrena; a paz consoladora e intrínseca; os deveres e os direitos equiparados, só existiram num único local: Na solidão do Cemitério!

Quantos homens, imolados à Necessidade, trabalhando de sol a sol inutilmente; e outros, que nada fazem, vegetando num meio propício e ignóbil.

Tantas mulheres, perdidas na voragem louca dos prazeres; muita sublimes no seu holocausto; outras pueris, quais bonecas animadas; e as restantes sensatas e dignas do verdadeiro nome de Mulher!

Encontrei pais e mãis, desprezando filhos que geraram, e conceberam num intuito paradiasiaco; e alguns, submetidos à dor imensa do mais pequenino incidente, na Existência dos entes que significam o todo da sua Razão de Ser, da sua Realidade; a lei sublime que dirige os seus Destinos!

Tudo se cruzou no meu caminho e deixei, em cinzas, no Passado!

Transitei ao Presente e as cenas repetiram-se!

Hoje, velho e alquebrado, submetido ao péso de tantas ilusões, eu entrego, ao Futuro, a imensidão das minhas decepções!

E votos faço, ao encontrá-lo na encruzilhada da minha Existência, — ao entregar ao Ano-Novo que vai viver—, para que encontre no Mundo dilacerado e ensanguentado, sulcado de cicatrizes em todos os Sentidos, a Paz Universal e o sinónimo textual da palavra Fraternidade Cristã!

Ano Novo... Vida Nova!
Nisa, 24-1-946.

NOGUEIRA CORREIA

Oração da adolescência

Tenho medo, Mãe! se não chego ao fim?
O barquinho é frágil e bravo o mar!...
Vê tu! Olha vê... — Que vai ser de mim!
Sósinho sem leme, que vai ser de mim!
Tenho tanto medo! — Sei onde vou dar?

Vê as ondas, vê! — Que alterosas são!...
Já perdi o norte, o farol não luz...
O que brame o mar! Como chamo em vão!
— Já de certo a morte! Como chamo em vão!
Tenho medo, Mãe! Que pesada a cruz!

Não há uma estrela! Já não há luar!
... Só com suas máguas estes pobres olhos!
E a voz do tempo: «Vamos! — Embarcar...»
E a voz das águas: «Vamos! — Embarcar...»
Tenho medo, Mãe, desse horror de escolhos!

O' Minha Senhora das nuvens, do ar,
Da noite de trevas, do sol da Verdade!
Descei Vosso pranto num raio de luar
A tocar as ervas! Num raio de luar
A benzer o «oceano», Mãe de saudades!

Cortai Vosso manto e dai-me uma «vela»
Cortai um pedaço do lenho da Fé
E fazei-me um lume; Bendita Donzela!
Mais o Vosso Espóso j Bendita Donzela!
— O bom Carpinteiro lá de Nazaré.

JOÃO GRÁCIO

Zig-Zag

Iremos ter brevemente Uma grande reinação: — Boas touradas de inverno. Já que as não houve no v'rao.

Virão bois do Ribatejo, Forcados de Montalvão, Rabejadores de Arês, Bandarilhas de Alpalhão.

Cá da «Côrte das Areias» Os cavaleiros serão. Em vez de sol, virá chuva. Oh! que grande reinação!

A chuva caida a potes Chegará mesmo à camisa. Ora aqui está, meus senhores, P'ra que é a praça de Nisa.

LEÓNIDAS

Serviços Municipalizados

Encontram-se já instalados no edifício da Secretaria Judicial—onde primitivamente estiveram— todas as secções dos Serviços Municipalizados que, até há pouco tinham a respectiva Secretaria num prédio da Praça do Município.

Revista da Imprensa Britânica

Dos Serviços de Imprensa e Informação de Sua Magestade Britânica, em Lisboa, recebemos o número 1 da «Revista de Imprensa Britânica», largo e curioso documentário sobre o actual momento político internacional. Agradecemos.

Póvoa e Meadas

ANIVERSÁRIO.— Completou no passado dia 11, 49 anos de idade, o Sr. Dr. João Transmontano, digníssimo Clínico em Castelo de Vide e Presidente da A. G. da Casa do Povo desta localidade. Sinceros parabens.

CASA PAROQUIAL. — Vai estando pronta de pedreiros a construção do edifício da Casa Paroquial, que, como temos noticiado, se está a efectivar por subscrição dos povoeses de boa vontade.

JUNTA DE FREGUESIA. — Tomou posse no passado dia 2, a nova Junta de Freguesia, constituída, segundo nos conta pelos senhores: José Videira Louro, Francisco Belo da Silva, António Ramos Pena, José António Marques, Joaquim António Videira e António da Graça Rosa.

PRESEPIO.—Tem estado em exposição na nossa Igreja Matriz um artistico presepio, que foi confeccionado pelo sr. Arlindo Freyler.

Dada a habilidade revelada, justo é prestar homenagem às qualidades do artista a quem felicitamos pela iniciativa.—C.

ANUNCIEM NO «CORREIO DE NISA», QUE CIRCULA EM TODO O PAÍS.

Notícias de Monte Claro

Realizou-se nesta localidade no passado dia 13 do corrente, a procissão das velas, em honra de N. S. do Rosário de Fátima, presidida pelo Rev.º Padre Serra, pároco da freguesia de S. Marias.

Como se tratava da primeira vez que tal solenidade religiosa ali se realizava, foi acolhida de uma maneira extremamente delicada.

O ilustre Reverendo, antes de se iniciar a procissão, deu as necessárias indicações, para que tudo corresse bem, pedindo o maior silêncio.

Cumpridas a preceito todas as indicações do pároco, a procissão recolheu à igreja, onde, novamente, o padre Serra, elogiou toda aquela gente, pela maneira como soube acatar as suas ordens e se mostrou cheia de fé, durante todo o cortejo religioso, no qual se incorporaram os habitantes de Monte Claro e muitos das povoações vizinhas, dando ao acto um espectáculo inolvidável.

«A Neurose da Guerra»

Com este titulo, vai brevemente sair dos prelos, um livro de análise psicológica da vida contemporânea, devido à pena do Dr. Frade Correia, Director da Escola Comercial de Castelo Branco.

Atenta a cultura do autor e o seu espirito criterioso, é de esperar um completo êxito.

Se a esta Redacção chegarem, a seu tempo, os exemplares habitualmente destinados à nossa secção de critica, poderemos, então, referir-nos ao trabalho, com mais e devidos pormenores.

Colaboradores

Por motivos de aglomeração de correspondência e expediente, não nos foi ainda possível atender a muitos originaes de novos colaboradores que desejam a luz da publicidade.

A seu tempo, analisados os trabalhos e julgado o mérito, nos pronunciaremos.

Dr. Fraústio Basso

Regressado de Lisboa, onde foi sujeitar-se a intervenção médica, tivemos o prazer de cumprimentar o Sr. Dr. José Fraústio Basso, distinto advogado e nosso assinante.

Ao Sr. Dr. Basso desejamos muito sinceramente a continuação das melhoras já verificadas.

Socorro de Inverno

Segundo informações fidedignas, vai iniciar-se em Nisa a propaganda para o Socorro de Inverno, tarefa de grande utilidade social, a que nos referiremos com maior desenvolvimento, no próximo número.

Festa a S. Sebastião

Realizou-se no domingo a festa do Mártire, em Nisa, no tejado, desde longa data. Houve procissão e percorreu as principais ruas da vila, este ano panhada pela Baronesa, o que muito contribuiu para o brilho da festa.

Como de costume realizou-se missa na Igreja Matriz, depois o povo concorreu ao Mártire, onde foram valiosos «raios».

De luto

Pelo falecimento de dona Rosa, encontra-se de luto o premado assinante Sr. João de Figueiredo.

Lamentando o falecimento, apresentamos o luto de Figueiredo a toda a família e aos seus sentimentos pessoais.

«JAZZ IDEAL»

De passagem por Nisa, onde foram abelhorados, le que ali se realizou a gentileza de nos oferecerem o seu cartão de convite para o «Ideal», de Portugal, gratos pela atenção.

Baile

Na Sociedade Nisense, bem como de do «Benfício», foram-se no último animados bailes, minaram a noite e em que o povo participou com efusão.

Apraz-nos muito factor, por saber tudo decorreu em dem tradicional desde há muito gente da «Côrte».

PARA ASSINAR BASTA REMETER UM VALE DE VINTE E SEIS

Caixa do

Sr. José da... — Lisboa: Tem... gano lamentável... gar o seu a seu... mos os affectuosos.

Sr. António... Recebemos o... seu dispor o jornal.

ANUNCIEM NO «CORREIO DE NISA», QUE